

TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL

A FAZEDEIRA DE RÊDES

Na variedade de quadros naturais que o Nordeste brasileiro apresenta, agitam-se num mundo vivo, indivíduos, que em associação com o meio encontram inúmeras formas de atividade, algumas originais, outras ainda remanescentes de antigas práticas que o tempo, mesmo o progresso, ainda não conseguiram extinguir. Parece que alguns usos e costumes se acham tão arraigados e são tão originais como forma de relações entre o homem e o meio, que dificilmente se são modificados. A antiguidade e a ditusão do uso da rede de dormir — a cama da terra — enquadram-se na afirmação. A simplicidade do seu uso, facilidade de transporte e a sua perfeita integração ao clima quente das baixas latitudes, parecem assegurar, no Nordeste brasileiro, uma constância ilimitada do seu uso. Supomos que está na forma da sua confecção o caminho por onde o "progresso" se introduzirá. É atualmente um artesanato especializado e difundido em todo o Nordeste e limites circunvizinhos, mas já surgem, em cidades como Fortaleza, teares mecânicos que estão industrializando sua confecção. Apesar disto não cremos no desaparecimento do seu uso, conforme aconteceu em São Paulo nos primeiros séculos de sua história, mas somente a substituição do artesanato. SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA ("Caminhos e Fronteiras", Ed. José Olimpio, 1957) estudando o assunto, na área de Sorocaba e Cuiabá, anota que a contaminação pelos agentes da "modernização", que são a estrada de ferro e a página impressa baniram o hábito, mas aponta também um aspecto adverso do meio: o clima frio, de altitude Direta ou indiretamente o Nordeste já sofreu tais influências o que nos induz àquelas conclusões.

Sua origem parece perfeitamente estabelecida. É autóctone, elemento da cultura material de várias tribos sul-americanas, assimilado pelos colonizadores, conforme nos demonstra o citado autor. Sua difusão no Nordeste teve a colaboração ativa dos sacerdotes que espalhando a técnica aos adventícios e entre as gerações que se sucederam, tornaram hereditário o artesanato.

Foi na localidade piauiense de Pedro II que encontramos o fabrico da rede de dormir numa de suas formas mais típicas. Localizada na zona central do estado, dista cerca de 50 quilômetros da rodovia Fortaleza-Teresina, eixo central de toda a circulação rodoviária da região. Fica um tanto à margem da circulação — um fundo de saco — nos dias atuais o que equivale dizer que Pedro II tem-se mantido isolada até bem pouco. Sua fama de produtora de redes é conhecida no Nordeste e ainda que do artesanato não resulte substancial atividade econômica, é ativo e movimentada a vida local. À primeira vista nada indica ao forasteiro a existência dessa atividade, mas um contato mais cuidadoso revelará a faina a que estão entregues dezenas de mulheres em seus casebres de barro, chão batido e cobertos de fôlha de palmeira. É a fazedeira de redes, da terra, bem nordestina guardando em seus traços a lembrança indígena; logo à entrada, à guisa de sala, na branca parede de adobe, encosta o tear: um simples retângulo de madeira — pau d'arco — encaixada, tendo mais largura do que altura. Da trave superior, horizontal, desce o fiame da urdidura. De pé, a artesã executa o trabalho, tecendo de baixo para cima — detalhe que lhe confere origem indígena. À meia altura do urdume passa o liço, fio em trama frouxa aparentando uma tranja, liga os fios, ora os da frente, ora os de trás. Por aí a redeira tem os fios separados e por entre eles, trabalhando ágilmente com as mãos corre o fuso, transversalmente à urdidura. Da extremidade, volta, não sem antes bater o fio recém-tramado com o facão para dar consistência ao tecido. A espetadeira, vara dotada de pontas metálicas, mantém distendido o pano da rede já pronto. Como as lides caseira lhe apelam, a miúde abandona o tear e por isso demora até dez dias para concluir o pano da rede. Outras, trabalhando regularmente disseram fazer uma rede em dois dias. Tão logo tecem o pano cuidam do acabamento ou guarnição: nas extremidades vai o cordame que forma o punho da rede e o carêu por onde ficará pendida: na lateral as franjas miúdas prendem a varanda. Para isto precisa muito cuidado: o desenho do bordado da varanda e seu acabamento são importantes, valorizam a rede. Finalmente, pronta a rede ou as redes aguarda o sábado — é o dia da feira. Na praça um grande tamboril, copado, cuida como bom guardião, o êxito nos negócios. Cedo estará lá. Desde véspera estarão chegando as pequenas tropas de jegues, arqueados pelo péso dos surroes e bruaças, repletos de arroz, farinha, café em grão, cerâmica e também novelos de fios vindos de Sobral e Fortaleza.

A feira transforma a cidade: a pacatez que lhe deu aspecto desértico durante a semana desaparece. Na praça, à sombra do tamboril imenso o povaréu negocia, as crianças brincam e as moças passeiam vestidas à domingueira. As redeiras destacam-se, dão nota à feira. Vestido estampado vermelho ou amarelo, pé no chão e, sob os braços ou sobre a cabeça as redes. Oferecem de vários tipos: a de fio caroá, tapuerana, cunetro, linha ou a popular. O preço é variável, as de linha ou tapuerana são mais caras, mas também o preço é sensível à lei da oferta e da procura. Ao fim da feira, por volta das 12 horas, uma popular pode ser adquirida por 400,00 cruzeiros. O regateio do freguês é obrigatório na compra: abre a rede, cuida da trama, repara na varanda, calcula o péso, pois deve ter levado, no mínimo, 12 rolos de fio na sua feitura. A redeira não perde tempo, o negócio faz parte do seu trabalho e trata de convencer o freguês, muitas vezes um motorista de caminhão que as leva para revenda em Fortaleza. Feito o negócio, apurada a féria, compra mantimentos e fio para outras redes e também vai até a tenda das novidades: sobre tósca mesa uma variedade de artigos de matéria plástica, anéis, brincos, imagens, perfumes e outras bugigangas, tudo num conjunto de vivo colorido que lhe encanta e trai a vaidade feminina.

O fim da feira é melancólico. Os jegues carregados de mantimentos, tangidos, vão abandonando o local. Nos bares alguns permanecem alegres pela aguardente. O local vai ficando deserto e a cidade volta à rotina pacata e calma.

A fazedeira de redes, já a caminho do seu casebre, vê passar mais um dia de feira, agora é preparar outras redes para outras feiras. Com os rolos de fio que comprou ou trocou está pensando no trabalho que a espera: é preciso desfiar, tingir e preparar cordéis na carretilha para os punhos, armar o urdume e recomeçar o trabalho pois desta vez ela tem uma encomenda. Uma de linha esterlina branca, que pode lhe valer três mil cruzeiros.

São Paulo, 19-2-60

BERNARDO ISSLER

